

A Terceira Guerra da Indochina (1975-1991): Um inesperado conflito armado entre Estados socialistas

Paulo G. Fagundes Visentini¹,
Maria Gabriela O. Vieira²
Pedro Henrique Prates Cattelan³

Resumo

O presente artigo tem o intuito de apresentar a Terceira Guerra da Indochina, um conflito entre a República Socialista do Vietnã e a República Popular da China. Esse conflito se insere em um contexto, no qual após derrotar a França e Estados Unidos na I e na II Guerra da Indochina, respectivamente, e realizar a unificação do seu território o Vietnã não encontrou paz. Paralelamente, o regime do Kampuchea Democrático (o Kampuchea Democrático fora a denominação adotada, pelo Khmer Vermelho para identificar o que é hoje o Reino do Camboja, vigente de 1976 até 1979), de linha maoísta, passou a hostilizar o Vietnã, que, por razões que serão exploradas ao longo do artigo, acabou intervindo no país em 1978. A China, que havia deteriorado suas relações com o Vietnã, invadiu o país permanecendo em território vietnamita durante um mês. Mais do que as tensões regionais e os alinhamentos externos, o que estava em jogo era a rivalidade sino-soviética. Assim, a III Guerra da Indochina representou um grande conflito armado entre nações comunistas.

Palavras-chave: Terceira Guerra da Indochina; Relações Internacionais da Ásia; Regimes Socialistas; Guerra Fria

1 Introdução

As Guerras do Vietnã são conhecidas como um conflito contra a França (encerrado em 1954) e contra os Estados Unidos (encerrado em 1975). Mas as alianças são sempre temporárias, mesmo entre regimes políticos semelhantes, pois a tensão sino-vietnamita já existia antes, como parte da cisão sino-soviética. E o fim do conflito com os EUA e a derrocada do Regime de Saigon não trouxe a paz. Após 1975 o Vietnã sofreu embargo comercial e diplomático e pressões militares devido aos problemas dos hoas (comerciantes vietnamitas de etnia chinesa) e do Kampuchea de Pol Pot⁴. O resultado foram conflitos de fronteira, intervenção no Kampuchea, invasão chinesa e a insurgência do Khmer

1 Professor Titular do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT). Editor da publicação Austral: Brazilian Journal of Strategy and International Relations (paulovi@ufrgs.br).

2 Graduada em Relações Internacionais pela UFRGS. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Pesquisadora Assistente do NERINT (maria.g.vieira95@gmail.com).

3 Graduando em Relações Internacionais pela UFRGS. Pesquisador Assistente do NERINT (pedrohenrique1995@gmail.com).

4 Pol Pot, também conhecido por Saloth Sar, foi quem liderou o Khmer Vermelho na tentativa revolucionária no Kampuchea. Ficou amplamente conhecido pelo genocídio que aconteceu no Camboja durante seu regime.

Vermelho, que predominaram até o encerramento da Guerra Fria. Foi a primeira guerra aberta entre nações comunistas na história. Os estudos de Defesa apenas enfatizam a questão da Guerra e da Paz, mas a análise do impacto internacional das Revoluções também merece atenção, como se verá no presente artigo.

2 Vietnã, 1975: triunfo militar, problemas diplomáticos

O triunfo da Revolução Vietnamita ocorreu simultaneamente com a vitória militar sobre o Sul, numa conjuntura de triunfo dos movimentos de libertação nacional no Terceiro Mundo. A crise do Império (americano) tornou possível o triunfo de todas essas revoluções. Mas a mais séria e de maior conteúdo simbólico foi a derrota na Indochina, onde as próprias forças americanas estiveram envolvidas. A imagem dos helicópteros dos Estados Unidos sendo disputados por americanos e membros da cúpula sul-vietnamita, e a entrada dos tanques da Frente Nacional para Libertação do Vietnã (FNL) e da República Democrática do Vietnã (RDV) nos jardins do Palácio da Reconciliação, sede presidencial da República do Vietnã durante a Guerra representam o fim de uma época.

Paralelamente, os Estados Unidos passaram a sofrer da chamada *Síndrome do Vietnã*, responsável pelo retraimento, embora limitado, do país nas relações internacionais. A síndrome consistia numa sensação de debilidade experimentada pela primeira derrota militar da história americana, agravada por haver sido infligida por um pequeno país do Terceiro Mundo (KISSINGER, 1995).

A postura belicista sofreu um duro golpe, com quase 60 mil americanos mortos e 300 mil feridos, parte deles ficando inválida. Dezenas de hospitais foram construídos nos EUA para tratamento mental de soldados e recuperação de milhares de viciados. Um último dado para ilustrar o potencial militar envolvido e o peso das baixas americanas: 7 dos 14 porta-aviões dos Estados Unidos estavam envolvidos na guerra, a qual custou ao país a perda de quase 4 mil aviões e helicópteros.

Se o preço pago pela grande potência industrial fora elevado, o da pequena nação agrária o superava qualitativamente. Quase 30% da superfície arável do país fora inutilizada por bombas, napalm e, principalmente, pelas armas químicas. Trezentas mil toneladas de bombas não explodidas continuam causando vítimas até hoje. O rebanho de búfalos no sul foi quase eliminado. Nesta parte do país havia 3 milhões de desempregados, 4 milhões de analfabetos, mais de um milhão de ex-soldados, policiais e oficiais do Exército de Van Thieu desmobilizados, 360 mil mutilados, 800 mil crianças órfãs, um milhão de viúvas,

200 mil prostitutas, dezenas de milhares de viciados, mendigos e delinquentes, além de grandes focos de cólera, milhares de tuberculosos e de contaminados pelos bombardeios químicos. A cidade de Saigon ultrapassara os 4 milhões de habitantes, que precisavam ser alimentados, enquanto os campos estavam semidesertos e improdutivos (a maior parte dos alimentos era importada até 1975) (HERRING, 2013).

Saigon tornara-se uma cidade semiestrangeira, "uma Ásia de miséria (onde) se enxertaram farrapos de um Ocidente corrompido" (VIEN, 1975). Milhões de pessoas no sul desabitaram-se a trabalhar honestamente, enquanto uma classe média dependente das doações de bens e dinheiro americanos encontrava-se sem perspectivas. O fato de a revolução possibilitar o controle dos rios (diques e irrigação), alimentação da população e a criação de condições para que um camponês ou operário possuísse uma bicicleta era uma conquista para o norte. Mas, em Saigon, acostumada com Hondas, Mercedes e Dodges, isso era considerado um retrocesso.

A frugalidade e a moral espartana dos norte-vietnamitas não eram atrativas a uma sociedade moldada pelo *american way of life*, a civilização da comunicação visual, da publicidade e do condicionamento psicológico. Mas o mais grave era a existência de uma elite mercantil que, uma vez esgotado o mercado de produtos importados, dedicara-se a especular com gêneros de primeira necessidade, criando um quadro econômico caótico. A economia do norte, embora em menor escala, tinha sua base industrial e rede de transportes bastante atingidas. No que se refere à morte de vietnamitas, atingiu *dois milhões* na fase americana, a maioria civis (mais de 4 milhões desde 1939).

Dentro deste quadro, a prioridade era dada à normalização da vida econômica e à manutenção da segurança. Alguns autores argumentam que o sul foi militarmente ocupado pelo norte. Na verdade, o Governo Revolucionário Provisório (GRP) e a FNL se confundem na prática com a administração e as tropas da República Democrática do Vietnã (RDV), para fazer frente à difícil situação existente no sul. Em abril de 1976, ocorrem eleições gerais no norte e no sul. A nova Assembleia vota pela unificação do país, que passa a chamar-se República Socialista do Vietnã (junho). Hanói permanece capital do país, enquanto Saigon é rebatizada Cidade Ho Chi Minh.

Em dezembro de 1976, realiza-se o Congresso do Partido dos Trabalhadores (norte) e do Partido Popular Revolucionário (sul), no qual estas organizações fundem-se e adotam o nome de Partido Comunista do Vietnã (PCV). O Partido Socialista e o Partido Democrático subsistem como forças aliadas dentro de um regime sob a hegemonia do PCV. A

"terceira força" do sul (os não comunistas da FNL) integra-se em grande parte às organizações de massa. Não houve maiores problemas com os grupos religiosos ou minorias étnicas no país, exceto em relação à cúpula católica e aos comerciantes de origem chinesa (BERESFORD, 1990).

Apesar da unificação político-administrativa, o país permaneceu dividido em dois sistemas socioeconômicos: o norte prosseguia a socialização enquanto o sul se ocupava da reconstrução e da conclusão da "revolução nacional democrática e popular". No plano político, o PCV desejava eliminar a *burguesia compradora* (elite não produtiva, ligada à economia internacional) e os latifundiários feudais como classes sociais. Mas durante muito tempo, no sul permaneceram segmentos desta burguesia e da classe média. Era impossível fazer o processo avançar abruptamente, com o governo optando por uma combinação de coação administrativa com reeducação política.

Duzentos mil funcionários, policiais e militares graduados do regime de Thieu foram enviados a campos de trabalho para reeducação (até 1978, 90% já haviam sido considerados "recuperados" e libertados). Um milhão e duzentas mil pessoas foram devolvidas ao campo, nas Novas Zonas Econômicas, num processo repleto de dificuldades e resistências, uma vez que muitos preferiam viver do tráfico nas favelas da Cidade Ho Chi Minh do que voltar a cultivar arroz (BERESFORD, 1990). A paz afigurava-se aos comunistas vietnamitas tão complexa e difícil quanto a guerra.

Entre 1977 e 1978, o Vietnã logra vários êxitos: ingressa na Organização das Nações Unidas (ONU), assina um tratado de fronteiras com a República Popular Democrática do Laos (onde o "Príncipe Vermelho" Suvanavong era agora presidente), inicia negociações com os Estados Unidos visando à normalização de relações, ingressa no Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECOM ou CAME, o Mercado Comum dos países socialistas), assina um Tratado de Amizade e Cooperação com a União Soviética e melhora as condições alimentares e sanitárias no sul (mas a redução da mortalidade aumenta o crescimento demográfico). Entretanto, já em 1978, a situação degrada-se, por razões climáticas, demográficas e políticas. As crescentes provocações do exército da República Democrática do Kampuchea na fronteira vietnamita (no "bico do Papagaio") preocupam não por representar um perigo em si mesmo, mas pelo suporte da República Popular da China a tal tipo de iniciativa.

3 A questão do Kampuchea e a intervenção vietnamita

É preciso retomar alguns importantes pontos para se entender o conflito entre o Vietnã e o Camboja⁵. Dentro da Indochina, as tensões e tentativas de solução envolvendo problemas fronteiriços foram parte central das relações entre Camboja (e suas variadas denominações) e o Vietnã (pré e pós-unificação) desde o período da descolonização (AMBER, 1997). Durante os primeiros anos da Segunda Guerra da Indochina, entre Vietnã e EUA, o Camboja procurou manter relações diplomáticas tanto com o Vietnã do Norte quanto com o do Sul (CHANDLER, 2008).

A partir de um determinado momento do conflito, o país passa a ser base para o transporte de suprimentos para os norte-vietnamitas, garantindo assim a sobrevivência do regime comunista. Essa posição "cooperativa" com o país vizinho culminou no abandono da posição de neutralidade, e como consequência, o governo do Vietnã do Sul, auxiliado pelos norte-americanos, depõe, em 1970, o governo de Sihanouk, provocando a extensão do conflito para todo o Camboja. O General Lon Nol tornou-se presidente da, agora, República Khmer, de tendência anticomunista e defendia ações de guerra contra o Vietnã do Norte. O golpe levado a cabo em 1970 acabou provocando uma virada nas relações entre os dois países. Sihanouk, então exilado em Beijing, buscou auxílio na China e na URSS, para uma intervenção diplomática, e criou a Frente Nacional Unida do Kampuchea (FUNK), para, junto de forças do Khmer Vermelho, para lutarem contra o governo de Lon Nol. Essa frente operou durante um curto período na clandestinidade. Em uma tentativa de fazer renascer o nacionalismo dentro do Kampuchea, acaba-se "reavivando" os ressentimentos do povo Khmer contra os vietnamitas (TULLY, 2005).

Com a saída dos americanos e a queda do Vietnã do Sul, as forças do Khmer Vermelho chegam então ao poder em 1975, proclamando o Kampuchea Democrático. Esse governo comunista tinha uma posição mais isolacionista dentro da comunidade internacional e uma convergência e cooperação com a China. Apesar de serem ambos comunistas, as relações entre Kampuchea Democrático e Vietnã não boas; pelo contrário, desde 1975 o sentimento anti-vietnamita só crescerá, evoluindo para uma Guerra entre Vietnã e Camboja, a qual culminou, em dezembro de 1978, numa intervenção vietnamita e de dissidentes kampucheanos, que derrubou o regime liderado por Pol Pot (responsável pela morte de cerca de 1,7 milhões de pessoas).

⁵*Kampuchea e Camboja*, são variações referentes ao mesmo país, porém em momentos históricos distintos.

A tragédia no Kampuchea teve início logo após a conquista de Phnom Penh pelos Khmer Vermelhos. Em 1975, o príncipe Sihanouk assumiu a presidência e Penn Nouth foi nomeado primeiro-ministro, mas o verdadeiro poder encontrava-se nas mãos de Pol Pot e Ieng Sary, dois intelectuais comunistas vindos do exílio parisiense e fortemente influenciados pela Revolução Cultural maoísta. As primeiras medidas do novo regime foram a eliminação física dos membros do governo Lon Nol e das classes dominantes, a transferência em massa de população urbana para o campo (Phnom Penh passa de 2,5 milhões de habitantes para 700 mil em poucos meses) e o isolamento quase completo do país com relação ao exterior (VICKERY, 1986).

Quase todas as embaixadas são fechadas, e mesmo o pessoal diplomático de países amigos sofre uma severa reclusão. Em pouco tempo, a única embaixada no país é a da China, sendo este o vínculo exclusivo com o estrangeiro. Logo Sihanouk é derrubado e confinado em prisão domiciliar, enquanto Pol Pot e Ieng Sary assumem o controle direto do Estado. Os monges budistas, intelectuais e outros grupos aliados na luta contra Lon Nol começam a ser perseguidos. A moeda é eliminada, a xenofobia cresce, toda influência externa é condenada e ocorre a eliminação das minorias étnicas (170 mil vietnamitas fogem do país).

A produção agrícola aumenta, mas a maior parte do arroz é exportada para a China, que envia armas e elogia o "Socialismo Khmer". A vida social é destruída, enquanto 750 mil pessoas (20% da população) são assassinadas ou morrem de fome e doenças no campo, e outros 30% se refugiam na Tailândia ou no Vietnã⁶ (VICKERY, 1986). Há tentativas de rebelião de camponeses e também de setores do Exército e do partido. Contudo, são esmagadas, o que leva a novos expurgos de todos os suspeitos de "simpatia pelo Vietnã". Os ataques às fronteiras vietnamitas, neste contexto, são intensificados.

O terror "polpotiano" foi uma dádiva para adversários do socialismo (que, todavia, apoiava o regime de Phnom Penh por intermédio da China): "eis o resultado do marxismo". Todavia, as revoluções que se apoiaram no socialismo de vertente marxista procuraram industrializar e desenvolver a sociedade, situando a idade de ouro da humanidade no futuro, dentro da tradição racional-iluminista. No Camboja, o populismo do príncipe Sihanouk havia criado a ideologia "socialismo budista khmer", como forma de arregimentar apoio do campesinato tradicional. Este grupo estava ameaçado pelo avanço do capitalismo no

⁶ Em obra anterior, fiz referência à morte de quase metade da população, número enganoso divulgado com ampla legitimidade por importantes organismos internacionais e autores respeitados, mas que se revelou pura propaganda política, vigente na época. Mais um dos tantos mitos contemporâneos.

país, percebido como a "exploração do campo pela cidade", o que feria seu universo patriarcal e igualitarista.

Hu Yong, Hu Nim e Khieu Samphan, os ideólogos do Partido Comunista, consideraram esta camada retrógrada como a principal força revolucionária do país e reelaboraram o igualitarismo camponês voltado à idade de ouro patriarcal, a partir de posições ultraesquerdistas, sobretudo maoístas. Defendiam a eliminação das cidades e a organização do país em uma comunidade de cooperativas com economia natural e uma sociedade militarizada, que restauraria o esplendor da civilização khmer do Império de Angkor⁷.

Paralelamente ao auge dos incidentes de fronteira, o Vietnã promove uma reforma monetária que fere os interesses do comércio de grande e médio porte, os quais se encontravam majoritariamente nas mãos dos *hoa* (de origem chinesa) e que, por isso, sabotavam o Plano Quinquenal e comprometiam o abastecimento. A China aproveita a ocasião para interromper a ajuda e cortar relações com Hanói, acusando-a de opressão aos *hoa* (BERESFORD, 1990).

Tendo o Kampuchea Democrático rompido, em 1977, as relações com a República Socialista do Vietnã, as tensões cresceram ainda mais. Então em 1978-79, com o intuito de sustar a perseguição aos vietnamitas residentes naquele país e responder de forma dura às incursões que o Khmer Vermelho vinha realizando em suas fronteiras, intervém militarmente naquele país, alegando legítima defesa das minorias vietnamitas, uma vez que a sobrevivência de seus nacionais estava em jogo. Cerca de 90 mil soldados vietnamitas participaram da ação (CHANDLER, 2008).

O apoio chinês (trocas comerciais e apoio militar) ao Khmer Vermelho cresceu durante os anos que antecederam a invasão. É pouco provável que sem as agressões do Kampuchea Democrático ao território vietnamita, o atrito entre China e Vietnã tivesse evoluído para um conflito. Além disso, é importante destacar que essa invasão só fora possível em virtude das relações que este país mantinha com a União Soviética (em 1978 um tratado de amizade entre Vietnã e URSS fora assinado), a qual fornecia em troca de bases para escala da sua marinha na região, armamentos e apoio econômico (BERESFORD, 1990).

⁷ O Império de Angkor (ou Império Khmer) foi um poderoso império hindu-budista no Sudeste Asiático, majoritariamente onde hoje se encontra o Camboja, durante os séculos XI ao XIII. Os monumentos majestosos de Angkor atestam para seu imenso poder e riqueza, além de impressionantes arte, cultura e técnicas arquitetônicas (COTERELL, 2014).

No início de dezembro de 1978, é fundada a Frente de Unidade Nacional do Kampuchea para a Salvação Nacional (FUNKSN), congregando a resistência que atua contra o regime de Pol Pot em 16 das 19 províncias no país. A FUNKSN era liderada por Heng Samrin, um general Khmer que se rebelara contra o regime, refugiando-se depois no Vietnã. Com a intensificação dos ataques à fronteira vietnamita, Hanói resolve revidar e entra no país com 90 mil soldados, apoiados pelas unidades da FUNKSN. Em 7 de janeiro de 1979, Phnom Penh é libertada e dia 11 funda-se a República Popular do Kampuchea. A rápida vitória das forças vietnamitas, deve-se em grande medida a não-relutância da população cambojana, que se encontrava fortemente debilitada e desarmada, frente à invasão. As tropas do regime de Pol Pot fogem para a fronteira da Tailândia, enquanto o novo governo denuncia o genocídio e abre o país à imprensa internacional.

A Guerra Sino-Vietnamita

Paralelamente, as relações internacionais encontram-se em plena virada, marcado especialmente pelo rearranjo das alianças no âmbito global. Em 1978, os republicanos conseguiram recuperar-se do baque sofrido e recuperavam a maioria dos postos no Congresso, obrigando o governo Carter a mudar sua política. *Antes* dos soviéticos entrarem no Afeganistão a Nova Direita conseguira aumentar o orçamento militar dos EUA, impedir a ratificação dos Acordos SALT II sobre limitação de armas nucleares, colocar em fabricação a bomba de nêutrons, apoiar a guerrilha afegã, interromper o diálogo com o Vietnã e criar a Força de Deslocamento Rápido. Quase uma década de vacilação americana estava chegando ao fim, e a conjuntura internacional favorável ao triunfo de revoluções estava terminando. A eleição de Ronald Reagan apenas amplifica uma tendência previamente existente. Começam os anos conservadores.

Os comunistas do Vietnã e da China haviam sido aliados na guerra contra o Japão, na guerra de libertação nacional contra a França e nas primeiras fases da guerra contra os EUA. A China, apesar de certas discordâncias (especialmente quanto as percepções de socialismo), apoiou o Vietnã financeiramente e com o envio de tropas. Contudo, esse auxílio econômico durou somente até 1978, ano em que se inicia o conflito. Essa virada nas relações sino-vietnamitas deve-se, além dos históricos problemas territoriais (especialmente relacionado a posse de ilhas no Mar do Sul da China) em grande medida à mudança na política externa da China (iniciada com o declínio da Revolução Cultural), a qual passa a ser menos hostil e mais favorável ao ocidente. É nesse contexto de "nova política externa

chinesa" que ocorre a aproximação com os Estados Unidos (a partir de 1971), marcando o início das relações sino-americanas (*Diplomacia do Ping Pong*⁸) (BERESFORD, 1990). A China reconheceu o governo do general Pinochet no Chile, logo após o golpe, e sua embaixada negava a acolhida a qualquer refugiado. Na África, a diplomacia de Beijing apoiou movimentos de emancipação conservadores unicamente por não serem pró-soviéticos, os quais atacavam os movimentos de esquerda, além de apoiar regimes reacionários como o do Zaire.

Outro fator que degradou as relações sino-vietnamitas foi a crise dos *boat people*. Quando o governo de Hanói estatiza parte do comércio (dominado por chineses e descendentes de chineses) a fim de diminuir a influência dessa elite mercantil em seu território, acaba tocando nos interesses de quase um milhão de pessoas. Grande parte destes emigram para a China, numa situação reforçada pelas dificuldades internas de abastecimento e pelos boatos de uma possível intensificação da guerra. A maioria dos quais, contudo, sai do país em precárias embarcações, originando o problema dos *boat people*, que a imprensa ocidental apresenta emotivamente como "vítimas fugindo de perseguições políticas", alimentando a campanha antivietnamita e reforçando o isolamento do país no cenário mundial. A China utiliza essa fuga de minorias chinesas como mais uma justificativa para suas ações, sendo umas das bases de sua campanha de isolamento do Vietnã e da invasão de 1979 (BERESFORD, 1990).

Dia 17 de fevereiro de 1979, um gigantesco contingente de soldados chineses, com artilharia e tanques, cruzou a fronteira para "dar uma lição ao Vietnã", declara Deng Xiaoping a Carter. Quatro províncias fronteiriças são arrasadas. A URSS informa a China que honrará o Tratado de Amizade e Cooperação⁹ caso a guerra prossiga. A Guerra Sino-Vietnamita, em conjunto com o conflito no Camboja, configura a Terceira Guerra da Indochina.

A China tinha objetivos táticos limitados e pretendia decidir rapidamente a guerra. Porém, o Exército de Libertação Popular (PLA) enfrentou diversos problemas. O Vietnã, apesar de pouco reforço numérico, construiu fortificações e uma estrutura defensiva.

⁸A Diplomacia de Ping-Pong refere-se ao intercâmbio de jogadores de ténis de mesa (Ping Pong) entre os Estados Unidos e a República Popular da China no início dos anos 70. O evento marca a "boa fase" nas relações sino-americanas. Tal fato abriu o caminho para a visita do Presidente Nixon a Beijing.

⁹O Tratado de Amizade e Cooperação assinado entre URSS e Vietnã em 1978, compromete os países a consultas imediatas em caso de ataques. Esse acordo marca o abandono da tentativa vietnamita de permanecer com relações amistosas entre as duas grandes potências socialistas da época (BERESFORD, 1990).

Quando a invasão ocorreu de fato, o Vietnã possuía apenas 50 mil soldados nas regiões fronteiriças (experientes e bem treinados). Ou seja, em alguns pontos, a proporção em favor dos chineses era de 10 soldados para um.



Mapa 1: Regiões alvo da invasão chinesa (Fonte: O'DOWD, 2007, p.47)

A China envia suas forças para conquistar três importantes regiões no Vietnã: as capitais provinciais Lao Cai, Cao Bang e Lang Son (mapa 1). A tomada dessas demorou e custou muito mais que o planejado. Os chineses contabilizavam baixas de mais de mil soldados por dia e conseguiram avançar pouco frente aos problemas internos e à resistência vietnamita. Além disso, tropas chinesas também atacaram diversas cidades fronteiriças a fim de distrair as forças principais vietnamitas e atrair reforços. Porém, esses objetivos não foram atingidos (WESTAD, 2006).

A Frente de Cao Bang teve início com a penetração chinesa em quatro pontos da fronteira com cerca de 200 mil soldados - contra uma divisão vietnamita na área-. Essa frente se destacou pela enorme dificuldade logística para os chineses, visto que não havia conexão ferroviária ou cidades com capacidade de abastecer as tropas próximas da fronteira. A cidade foi conquistada pelos chineses em 27 de fevereiro, porém as forças vietnamitas contra-atacaram diversas vezes até a retirada das tropas chinesas.

Já a cidade de Lao Cai ficava a menos de um quilômetro da fronteira com a China. Estimativas são de que essa frente contou com 120 mil soldados chineses contra uma força de 20 mil vietnamitas. Lao Cai foi tomada em dois dias, porém os vietnamitas continuaram o combate e exigiram grande esforço por parte dos chineses para estabilizar o entorno da cidade. Essa capital de província era um ponto de encontro de ferrovias e de estradas, o que permitiria a entrada em profundidade no Vietnã.

A Frente de Lang Son era considerada a mais importante para os dois lados, pois tinha uma posição estratégica. A cidade representava um ponto de encontro da rede ferroviária vietnamita, além de possuir conexão direta com Hanói. A China utilizou nove divisões nessa frente, enquanto o Vietnã só dispunha de uma. Mesmo assim, e com um plano de cercar as tropas vietnamitas, a China enfrentou enormes dificuldades e resistência para atingir seu objetivo. Com um grande atraso em relação ao planejado, Lang Son é conquistada em 5 de março, com o anúncio da retirada chinesa sendo realizada no mesmo dia. Isso mostra que os objetivos operacionais da campanha eram realmente limitados.

As três frentes apresentaram problemas em comum que demonstraram as fragilidades do PLA. Apesar de ser comparável em escala à intervenção na Guerra da Coreia, a China não conseguiu repetir o avanço rápido e devastador de campanhas anteriores. Sua tática de "ondas humanas" demonstrou ser extremamente custosa e ineficiente contra posições vietnamitas. Essa tática consistia em ataques frontais e diretos da infantaria contra alvos, tanto pequenos quanto grandes. A artilharia também foi utilizada de forma ineficiente, visto que os chineses apostaram na saturação em vez da precisão. A logística chinesa falhou enormemente durante a campanha, dado que, mesmo estando a apenas alguns quilômetros da fronteira, em poucos dias as tropas enfrentavam escassez de alimentos, de água e munição. Os problemas vistos durante a invasão foram um dos principais incentivos para a modernização das Forças Armadas propostas por Deng Xiaoping (O'DOWD, 2007).

Cabe destacar aqui o pequeno papel desempenhado na Guerra Sino-Vietnamita pela Força Aérea e pela Marinha de ambos os lados. Não houve combates aéreos nem suporte para operações terrestres. A China, apesar de contar com centenas de aviões prontos na fronteira, optou por não utilizar sua capacidade aérea na campanha por uma série de motivos. Destacam-se a grande capacidade de defesa antiaérea do Vietnã, que era uma das melhores do mundo após anos de conflito em seu território; a superioridade e experiência dos caças vietnamitas (MiG-21, frentes aos obsoletos MiG-19 chineses); pouco treinamento de suas forças para operações terra-ar e baixa capacidade de coordenação entre aviões e soldados; e medo do conflito ser intensificado, com a possível entrada direta da URSS. Já as forças navais ocuparam apenas a posição de apoio às forças terrestres e de inteligência, monitorando as posições inimigas. No caso chinês, destaca-se o acompanhamento de navios soviéticos, que atuaram durante o conflito no Mar do Sul da China. Dia 16 de março o Exército chinês retirou-se (com mais de 50 mil baixas), mas não descarta a possibilidade de voltar.

No nível operacional, a China atingiu seus objetivos, a tomada das principais capitais provinciais, porém a altíssimo custo. Mesmo com superioridade numérica (e com equipamentos de maior qualidade), o PLA acabou não sendo tão eficiente quanto se esperava. Tanto o Vietnã quanto a China afirmam serem vencedores dessa guerra. No nível estratégico a invasão chinesa não atingiu seu objetivo de retirar as forças vietnamitas do Camboja (ou seja, resgatar um aliado e barrar o expansionismo do Vietnã) e de minar a influência soviética na região, reagindo assim ao cerco que parecia estar sendo formado pela URSS. Mesmo assim, a atuação chinesa no Camboja não diminuiu, pois o país passou a utilizar meios políticos e diplomáticos para atingir esses objetivos (além de apoiar guerrilhas) (QUINN-JUDGE, 2006). Beijing aprofunda suas relações com os Estados Unidos e com a Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN). Assim, o eixo China-EUA-ASEAN apoiou e armou a guerrilha do Khmer Vermelho, que se juntou com outros grupos para se opor ao governo cambojano alinhado com o Vietnã.

A década que se seguiu à invasão chinesa foi marcada por constantes tensões na fronteira sino-vietnamita e ameaças chinesas de uma "segunda lição". A China, além de manter alguns territórios disputados na fronteira (conquistados em 1979), continuou pressionando o Vietnã com um grande número de tropas na fronteira e ataques com artilharia. Esses ataques não contavam com grande precisão e tinham um caráter simbólico e político. Além disso, a China ainda realizava incursões em cidades fronteiriças do Vietnã, com destaque para as incursões de 1981 e de 1984. Essas não conseguiram adentrar mais do que 10 quilômetros em território vietnamita e contaram com os mesmos problemas da invasão de 1979. Esses ataques com infantaria e artilharia mostravam certa sincronia com incursões do Vietnã no Camboja e na Tailândia, aliados de Beijing, mostrando a conexão estratégica dos diferentes teatros (WESTAD, 2006).

A China também apoiou guerrilhas no Camboja, no Laos e no próprio Vietnã a fim de sobrecarregar as forças vietnamitas e forçar uma retração de seus esforços. No Camboja, destaca-se o apoio político, diplomático e militar ao Khmer Vermelho. Já no Laos, a China buscou se aproximar de guerrilheiros que tinham sido utilizados pelos EUA na luta contra os comunistas do Vietnã. Dentro deste país, a China apoiou movimentos guerrilheiros nas planícies centrais. Porém, mesmo com todos esses focos de resistência e embargos internacionais, o Vietnã logrou continuar suas ações no Camboja, resistir às guerrilhas e reforçar a segurança de suas fronteiras ao norte.

Ruí a argumentação contra a política externa da União Soviética, acusada de "social imperialista". A prática da diplomacia chinesa nos anos 1970 superava as acusações feitas à política internacional soviética nos anos 1960. A China justificava sua invasão como resposta a uma tentativa do Vietnã de dominar a Indochina. Na verdade, a China preocupava-se com a força autônoma da Revolução Vietnamita, numa região que fora historicamente periferia do império chinês e que, por isso, era considerada sua área "natural" de influência. Além disso, o fato de esta revolução buscar o apoio soviético para manter sua independência face ao poderoso vizinho. O Laos, aliado de Hanói, também sofrera provocações de fronteira por parte da China e da Tailândia, obrigando o governo de Vientiane a fechar por três anos a fronteira com este último.

Para o Vietnã, o resultado deste confronto fora um aumento da dependência e do alinhamento em relação a Moscou. O país procura estreitar seus vínculos com os demais Estados indochineses como uma forma de dirimir a ameaça representada pela política externa chinesa de então e pela Tailândia (uma ditadura militar pró-americana ferozmente anticomunista e superarmada); além de ser uma forma de o país tentar diminuir a dependência da URSS. Nesse sentido, é assinado em março de 1979, o Acordo de Cooperação Econômica, Cultural, Educacional e Técnica entre o Vietnã, o Laos e o novo governo de Camboja. Entretanto, o isolamento internacional do Vietnã é grande e toda a ajuda externa, exceto da URSS e seus aliados, é cortada. Ainda que a comunidade internacional repudiasse a barbárie protagonizada pelo Khmer Vermelho e condenasse o genocídio, poucos foram os países do campo soviético que reconheceram o governo da FUNSKN¹⁰. Isso reforça a ideia de que o inimigo visado pela nova reação conservadora era o Vietnã.

No Camboja, após a invasão de 1979, a resistência ao poder central encontrava-se dividida entre três facções (a que apoiava Khmer Vermelho, a neutralista que apoiava Sihanouk e a anticomunista Frente de Libertação do Povo Khmer) tal contexto interno acaba novamente alterando a dinâmica das relações entre esse país e o Vietnã. Durante esse mesmo ano, Pham Vam Đông e Heng Samrim, líderes do Vietnã e do Kampuchea Popular, respectivamente, assinam um Tratado de Paz, Amizade e Cooperação, colocando, dessa forma, um fim no conflito entre os dois países. Contudo, o tratado acerca das questões de fronteira é assinado somente em 1983. Mesmo que Camboja e Vietnã se

¹⁰Frente de Unidade Nacional do Kampuchea para Salvação Nacional (FUNKSN), fundada em dezembro de 1978.

assemelhassem em alguns aspectos (ambos eram sociedades autoritárias e patriarcais com forte sentimento nacional, além de partilharem a descrença quanto ao Capitalismo) suas relações não eram amigáveis. Para ambos os países os interesses nacionais falavam mais alto do que a solidariedade socialista (VICKERY, 1986).

5 A diplomacia e a tensão permanente

A era Reagan dá forma institucional à reação conservadora. É desencadeada uma nova corrida armamentista e ocorre a instalação de mísseis na Europa, que enterra a *détente*, e dá início a mais uma etapa da Guerra Fria. Esta *nova guerra fria* consiste esquematicamente no seguinte: os Estados Unidos promovem uma corrida armamentista que os colocam em superioridade estratégica sobre a União Soviética e abala a economia soviética; a União Soviética, debilitada, vê-se obrigada a limitar seu apoio às revoluções do Terceiro Mundo para que os americanos reduzam sua pressão militar. Dessa maneira, os Estados Unidos e seus aliados terceiro-mundistas mais militarizados (África do Sul e Israel, entre outros) poderiam sufocar os movimentos e regimes revolucionários surgidos na última década; paralelamente, os norte-americanos controlariam seus aliados economicamente bem sucedidos (Europa e Japão), dividindo com eles o fardo da despesa em armas.

Entre 1979 e 1982 o Kremlin conheceu uma verdadeira paralisia interna e diplomática (os estertores da era Brejnev), reduzindo-se a capacidade de ajuda externa. As reformas de Iuri Andropov não tiveram tempo de frutificar e o interregno Chernenko manteve a União Soviética na defensiva. A face internacional da *Perestroika* de Gorbachov (desde 1985) representa a tentativa de reação, mas comportando um enfoque que preocupava o PCV. As negociações sobre o desarmamento e a resolução política dos conflitos regionais são a tônica desta política (KISSINGER, 1995). No caso do Afeganistão e Camboja, avançaram-se acordos de formação de Governos de coalizão, e já se iniciaram as retiradas de tropas soviéticas e vietnamitas, respectivamente. No que se refere ao problema kampucheano, Hanói recusa-se a permitir a volta dos Khmer Vermelhos ao poder e buscava algum tipo de compromisso com o Príncipe Sihanouk.

No que toca especificamente ao Terceiro Mundo, Washington desenvolve a teoria dos *conflitos de baixa intensidade*, que seriam travados em teatros limitados (com a possibilidade de empregar armas nucleares táticas) visando enfraquecer e derrubar os regimes revolucionários no poder. O governo passa, também, a reforçar governos conservadores para

evitar o triunfo de guerrilhas esquerdistas como nos casos de El Salvador, Guatemala, Namíbia e Filipinas .

No caso da Indochina, a CIA restabelece contatos com as tribos *meos*, que reiniciam uma guerrilha esporádica contra o Laos e brinda o Khmer Vermelho com armas modernas, para intensificar a luta contra o Vietnã. Na fronteira da Tailândia com o Camboja, as guerrilhas do Khmer Vermelho (agora liderados por Khieu Samphan, menos comprometido com o genocídio, enquanto Pol Pot e Ieng Sary permanecem nos bastidores), do anticomunista Son Sann e um pequeno grupo de seguidores de Sihanouk, unem-se, apesar da desconfiança recíproca, para receber ajuda externa. A presença de um contingente militar de mais de cem mil soldados vietnamitas em apoio ao novo governo cambojano tem para Hanói e Moscou um enorme custo econômico e diplomático.

Em 1984, o Vietnã tem suas regiões fronteiriças canhoneadas pela China, a Tailândia passa a ocupar um pequeno trecho do território laosiano e a resistência kampucheano realiza grandes ataques. Entretanto, a invasão chinesa não ocorre, os combates cessam no Laos (embora os tailandeses não se retirem) e as tropas vietnamitas e kampucheanas contra-atacam, destruindo todos os santuários da resistência na fronteira, obrigando-a a refugiar-se na Tailândia.

No Camboja, o governo da FUNKSN conseguiu reconstruir, com a cooperação civil vietnamita, a vida social no país, reativou a economia, reabriu os pagodes e criou condições para que a nação conseguisse superar, ao menos em parte, o trauma da experiência polpotiana. O seu grande problema se encontrava como foi mostrado, no plano diplomático. O Laos manteve a estabilidade interna e foi o país menos afetado pelas tensões internacionais na Indochina.

Quanto ao Vietnã, a situação interna era difícil. O VI Congresso do PCV (dezembro de 1986) realizou uma demolidora crítica da política anterior, denunciando a incompetência burocrática da maior parte das empresas e órgãos administrativos, da corrupção de muitos quadros (praticamente inexistente na época da guerra), dos fracos resultados no desenvolvimento socioeconômico após sucessivas reformas e do gravíssimo problema demográfico.

Ainda na década de 1980, o governo libera a venda da produção agrícola que exceda a quota mínima fixada por hectare e implementa medidas em apoio ao artesanato. Esta política é aprofundada no V Congresso do PCV, que se dedica a suplantando a crise econômica e

organizativa no final dos anos 1970 e início dos 1980. Le Duan é eleito secretário-geral do Partido, mantendo a mesma equipe dirigente formada anteriormente por Ho Chi Minh. Além das "autocríticas" internas, o Congresso se preocupa com a crescente tensão internacional que se segue à posse de Ronald Reagan na Casa Branca e ratifica a aliança com a URSS. Ainda que a produção agrícola tenha sido estabilizada, que o parque industrial tenha sido ampliado e que a hidroelétrica de Hoa Binh tenha sido concluída, que a termoelétrica Pha Lai e do reator nuclear tenham sido reconstruídos pela URSS; e de um desempenho satisfatório no plano da saúde e educação, o país continuava a enfrentar problemas econômicos e de gestão. Somado a isso, tem-se a insuficiência do orçamento militar para a defesa do país e para manutenção de tropas de apoio ao governo da FUNSKN, tornando-se insustentáveis para uma pequena nação subdesenvolvida (MONETA, 1995).

Após o Congresso, efetivamente assistiu-se à substituição de importantes quadros do tempo de guerra por uma nova geração, a qual tinha o desafio de vencer o subdesenvolvimento em meio a um sistema internacional em crise e em rápida manutenção, e que, por isso, buscou lançar reformas na estrutura política e econômica do país. Mas a chance de serem bem-sucedidas dependia primeiramente da manutenção da paz. E, neste aspecto, 1988 representou um ano ambíguo: as tropas vietnamitas iniciaram a retirada de Camboja, onde um acordo se esboçava, mas ocorreram escaramuças entre navios de guerra chineses e vietnamitas nas ilhas ocupadas pela China em 1974.

Ao final de uma década, a ofensiva conservadora da Nova Guerra Fria e de seus conflitos de baixa intensidade logrou atingir muitos de seus objetivos, embora com algumas consequências imprevistas. Os países socialistas foram dramaticamente enfraquecidos nos anos 1980, enquanto os frágeis e recém-instalados regimes revolucionários do Terceiro Mundo eram desgastados até a exaustão. Além de que, desde fins de 1987 Gorbachov negociava com Reagan o desengajamento soviético nos conflitos regionais, em troca do fim da corrida armamentista. Com ambos os países passando a convergir no Conselho de Segurança da ONU, efetivamente se encerrava a Guerra Fria, o que viria a provocar o colapso do Leste europeu e o abandono de seus aliados do Terceiro Mundo.

Em maio-junho de 1989, a mudança da situação mundial e os impasses do modelo e abertura econômica chinesa davam ensejo ao protesto da Praça da Paz Celestial, os quais foram duramente reprimidos pelo Exército de Libertação Popular. Segundo a imprensa ocidental, os regimes de Cuba, Alemanha Oriental e Vietnã teriam manifestado seu apoio à ação chinesa, considerados os "últimos bastiões do stalinismo". Cabe destacar que esses

regimes eram as maiores vítimas da diplomacia da *Perestroika*, ao perderem o apoio de Gorbachov que se tentava estabelecer a *détente* com os EUA e imerso nos problemas e contradições de suas reformas.

O que se denominou de *fim da Guerra Fria* e *fim do socialismo* significou, concretamente, o desengajamento da URSS das relações internacionais como superpotência. Para o Vietnã, isso significou um rápido declínio do comércio e da ajuda soviética desarticulou a indústria local e obrigou os comunistas vietnamitas a forjar novos vínculos econômicos externos e planejar sua sobrevivência de forma independente. Reforçou-se, então, uma tendência que já se fazia presente: à abertura econômica correspondeu a um fechamento político. Nguyen Van Linh, secretário do PC desde 1986 e defensor das reformas, rejeitou o multipartidarismo em 1990, ao mesmo tempo em que introduziu o partido nos movimentos sociais e aprofundou o combate à corrupção, buscando reforçar a confiança popular.

Nesse contexto, as reformas timidamente iniciadas em 1986, tiveram de ser aceleradas. O chamado *Novo Pensamento* vietnamita, que representava uma versão socialista da *Perestroika*, implementou uma abertura política limitada e reformas econômicas. A agricultura adotou a política do *Khoan* (contrato de empreitada) e em 1989 o país passava a abastecer plenamente o mercado interno e a exportar significativos excedentes de arroz, enquanto a inflação era derrubada. Tal situação restaurou a confiança do campesinato.

Por trás dessa atitude, encontrava-se o temor de uma explosão social e política, tanto devido aos efeitos desestabilizadores que acompanham o sucesso das reformas econômicas, quanto às consequências do refluxo dos países socialistas, sobretudo entre a juventude, que não viveu a guerra de libertação. A retirada das tropas vietnamitas do Camboja, entretanto, permitiu romper o isolamento diplomático, o que foi reforçado pelas crescentes dificuldades da China, o que permitiu o início da reaproximação dos dois países. Os EUA, por seu turno, reiniciou, em agosto de 1990, o diálogo com o Vietnã.

Conclusão

Com os acordos firmados entre Reagan e Gorbachov (especialmente no que diz respeito ao uso de armamentos nucleares) em fins de 1987 e em 1988; e com a convergência entre EUA e URSS em algumas questões dentro do Conselho de Segurança, a Guerra Fria foi encerrada. O fim do confronto bipolar e a política de acercamento ao Ocidente pelo formulador da *Perestroika*, centrada na construção da *Casa Comum Europeia* levaram à desagregação dos regimes socialistas do Leste europeu no segundo semestre de 1989. No

plano mundial, em troca da atenuação das tensões estratégicas e da corrida armamentista, o Kremlin aceitou retirar seu apoio aos regimes socialistas do Terceiro Mundo.

Era o fim do bloco soviético, do COMECON e do Pacto de Varsóvia e, dois anos depois, a própria URSS e seu regime socialista desapareceram. O Vietnã ficou em uma situação difícil, tendo que buscar a normalização diplomática, o apoio da China (até então rival) e a formulação de uma nova política econômica capaz de compensar o fim da ajuda externa. Mas, como no caso de outros países asiáticos (China e Coreia do Norte) e Cuba, o regime socialista sobreviveu no Vietnã, adotando o modelo chinês de desenvolvimento. Paralelamente, passou a cooperar com seus vizinhos, ingressando na ASEAN, e normalizou as relações com os Estados Unidos. Nos últimos dez anos o Vietnã, sob o signo das reformas *Doi Moi*, conheceu um crescimento econômico acelerado, tornando-se um "pequeno Tigre Asiático".

O fim dos conflitos regionais e a reinserção econômica e diplomática do Vietnã e de seus vizinhos indochineses na região asiática e no sistema mundial foram obtidos gradativamente. A saída das tropas de Hanói do Camboja em 1989 abriu caminho para a normalização do Vietnã com a comunidade internacional, embora a manutenção do regime socialista unipartidário tenha permanecido, por algum tempo, como um entrave. Em 1991 o repatriamento dos refugiados vietnamitas que se encontravam em Hong Kong melhorou a situação diplomática do país, bem como a assinatura, em outubro, de um Acordo de Paz definitivo no Camboja, embora este último país permanecesse convulsionado por um bom tempo. Por fim, em 1992, Hanói e Beijing restabeleceram relações diplomáticas e estreitaram a cooperação econômica e partidária, com a finalidade de apoiar mutuamente seus regimes políticos ameaçados internacionalmente.

A normalização no Camboja foi mais difícil de obter. Com o advento da *Perestroika* e a retirada das tropas vietnamitas (estimadas em 100 mil soldados), o dirigente pró-vietnamita Heng Samrin foi substituído por Hun Sen. Em 1989, pequenas reformas econômicas liberalizantes foram introduzidas e o país passa a ser chamado Estado do Camboja. A tentativa de solução do conflito, durante a Conferência de Paz de Paris (1973)¹¹ fracassou devido às divergências entre o Vietnã e a ONU, particularmente quanto à proposta

¹¹ Os Acordos de Paz de Paris (ou Acordo de Paris para o Fim da Guerra e Restauração da Paz no Vietnam) foram assinados em 27 de janeiro de 1973 pelos governos da República Democrática do Vietnam (Vietnam do Norte), a República do Vietnam (Vietnam do Sul) e os Estados Unidos, além do Governo Revolucionário Provisório (PRG) que representou os revolucionários sul-vietnamitas (o vietcong).

de permitir a participação do Khmer Vermelho num governo de coalizão. Contudo, apesar da retirada das forças vietnamitas, as forças governamentais conseguiram deter a ofensiva do Khmer Vermelho e fazer seus guerrilheiros recuarem para a fronteira da Tailândia em 1990. Após difíceis negociações, em 1991 foi, finalmente, firmado o Tratado de Paz, que instituiu o Conselho Nacional Supremo, tendo o príncipe Sihanouk como presidente, até a realização de eleições em 1993. Uma força de paz da ONU foi enviada, em 1993, para supervisionar o cessar-fogo e o processo eleitoral (boicotado pelo Khmer Vermelho).

Referências

AGRA, Lino. **"Os refugiados do Vietnam"**, in *Revista Oitenta*. Nº 1. Porto Alegre: L&PM, 1979.

BALL, Desmond (Ed.). **The transformation of security in the Ásia/Pacific Region**. London: Frank Cass, 1996.

AMER, Ramses. **Border Conflicts between Cambodia and Vietnam**. IBRU Boundary and Security Bulletin, Summer 1997.

BERESFORD, Melanie. **Vietnam: Politics, Economics and Society**. L. Rienner Publisher. 1990.

BÉSANGER, Serge, et SHULDERS, Guy (Dir.). **Les relations internationales en Asie-Pacifique**. Roissy-en-France: Alban, 1998.

BURKITT, Laurie; SCOBELL, Andrew; WORTZEL, Larry M. **The lessons of history: the Chinese People's Liberation Army at 75**. Carlisle, PA: Strategic Studies Institute, U.S. Army War College, 2003.

BURCHETT, Wilfred. **Catapulta hacia la libertad**. La Habana: Ed. de Ciencias Sociales, 1984.

CHALIAND, Gerard. **Mitos revolucionários do Terceiro Mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CHANDLER, David. **A History of Cambodia**. Philadelphia: Westview Press, 2008.

COTTERELL, Arthur. **A History of Southeast Asia**. Singapore: Marshall Cavendish, 2014.

DOMENACH, Jean-Luc, et, GODEMENT, François (Dir.). **Communismes d'Asie: mort ou métamorphose?** Bruxelles: Complexe 1994.

DUAN, Le. **Na via de Ho Chi Minh**. Lisboa: Edições Avante, 1977.

FONTAINE, André. **Histoire de la "Détente" (1962-1981). Um seul lit pour deux rêves**. Paris: Fayard, 1982.

GIAP, Vo Nguyen. **Fuerzas Armadas Revolucionarias y Ejercito Popular**. Buenos Aires: Ediciones La Rosa Blindada, 1973.

HERRING, George. **America's Longest War: The United States and Vietnam, 1950-1975**. McGraw-Hill Education. 2013.

JOYAUX, François. **Géopolitique de l'Extreme Orient**. Bruxelles: Complexe, 1991.

_____. **L'Association des Nations du Sud-Est Asiatique – ANSEA**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

KISSINGER, Henry. **La Diplomacia**. México: México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

_____. **On China**. Penguin, 2011.

LI, Xiaobing. **A history of the modern Chinese army**. University Press of Kentucky, 2007

LIAO, Kuang-sheng (Ed.). **The new international order in east Asia**. Hong Kong: The Chinese University of Hong Kong, 1993.

MCGREW, Anthony, and BROOK, Christopher (Ed.). **Asia-Pacific in the new world order**. London / New York: Routledge, 1998.

MINISTERIO de las Relaciones Exteriores de la R. S. de Viet Nam. **La verdad de las relaciones entre Viet Nam y China (1949-1979)**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1979.

MONETA, C. J. (Comp.). Vietnã: Doi Moi (Renovación) Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano , 1995.

MORENO, Nahuel, & MANDEL, Ernest. **China x Vietnã**. São Paulo: Versus, 1979.

O'DOWD, Edward C. **Chinese Military Strategy in the Third Indochina War: The Last Maoist War**. Routledge, 2007.

POUVATCHY, Joseph R. **Cambodian-Vietnamese Relations**. Asian Survey, v. 26, n.4, 1986. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2644157?origin=JSTOR-pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

QUINN-JUDGE, Sophie. **The Third Indochina War: Conflict between China, Vietnam and Cambodia, 1972-79**. [s.l.]: Routledge, 2006.

RAY, Hemen. **China's Vietnam war**. New Delhi: Radiant Publishers, 1983.

RIVERO, Miguel. **Infierno y amanecer en Kampuchea**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1979.

SCHULZINGER, Robert. **American Diplomacy in the Twentieth Century**. New York/Oxford: Oxford University Press, 1990.

THOMPSON, Roger C. **The Pacific Basin since 1945**. Harlow, Essex, 1994.

TULLY, John Andrew. **A short history of Cambodia: from empire to survival**. Australia: Allen & Unwin, 2005.

VICKERY, Michael. **Kampuchea: Politics, Economics and Society**. L. Rienner Publisher. 1986.

VIEN, Nguyen Khak. **Vietname, pátria reencontrada**. Lisboa: Caminho, 1978.

YAHUDA, Michael. **The international politics of the Ásia-Pacific, 1945-1995**. London / New York: Routledge, 1996.

WEATHERBEE, Donald E. **International Relations in Southeast Asia: The Struggle for Autonomy**. Rowman & Littlefield, 2009.

WESTAD, Odd Arne et al. (Ed.). **The third Indochina war: conflict between China, Vietnam and Cambodia, 1972-79**. Routledge, 2006.

The Third Indochina War (1975-1991): An unexpected armed conflict between socialist nations

Abstract

This article intends to present the Third Indochina War, a conflict between the Socialist Republic of Vietnam and the People's Republic of China. This conflict fits into a context in which, after defeating France and the United States in the First and Second Indochina Wars, respectively, and unification of its territory, Vietnam did not find peace. At the same time, the regime of Democratic Kampuchea (Kampuchea Democrático was the name adopted by the Khmer Rouge to identify what is now the Kingdom of Cambodia, which ran from 1976 to 1979), a Maoist line, began to harass Vietnam, which, for reasons, which will be explored throughout the article, ended up intervening in the country in 1978. China, which had deteriorated its relations with Vietnam, invaded the country and remained in Vietnamese territory for a month. More than the regional tensions and the external alignments, what was at stake was the Sino-Soviet rivalry. Thus, the Third Indochina War represented a great-armed conflict between communist nations.

Key words: Third Indochina War; Asian International Relations; Socialist Regimes; Cold War